

A receita tucana para a crise



José Dirceu
EX-MINISTRO
CHEFE DA CASA
CIVIL

O jornal *O Estado de S. Paulo*, em matéria publicada no dia 11, informa que o Instituto de Estudos de Política Econômica da Casa das Garças, centro de estudos carioca dirigido pelos economistas Edmar Bacha e Ilan Goldfajn, publica, em sua página na internet (www.ie-pecdg.com), um livro virtual sobre a crise, com artigos de 18 dos mais conhecidos economistas do país. Intitulado *Como reagir à crise? Políticas econômicas para o Brasil*, o trabalho, organizado por Bacha e Goldfajn, reúne artigos de Pedro Malan, Armínio Fraga, André Lara Resende, Gustavo Franco, Alkmair Moura, entre outros, além dos próprios organizadores.

Sugiro que leiam a página e

tomem conhecimento das propostas para enfrentar a crise dos principais teóricos do PSDB, todos ex-membros do governo FHC. A reportagem do *Estadão* já dá algumas pistas do que esse grupo de economistas defende para esse momento decisivo. Vamos a algumas das medidas sugeridas. Armínio Fraga alerta para o risco de se tentar um crescimento de 4% para a economia em 2009. Na opinião dele, se para a economia americana faz sentido falar em "expansão fiscal temporária", no Brasil a situação é outra. "No nosso caso, é preciso levar em conta que há anos os gastos públicos vêm aumentando de forma pró-cíclica e focada em gastos correntes e permanentes". Pedro Malan defende a contenção do gasto público do governo como "único caminho" para o país atravessar a crise. "O Brasil não está em recessão, nem em deflação, mas em processo de desaceleração do crescimento, que vai signi-

fcar, sim, redução das receitas e, portanto, vai exigir cortes na expansão de gastos antes contemplados e não o contrário, como vem acontecendo com as contratações e aumentos anticíclicos", diz Malan. Edmar Bacha alerta para os riscos das políticas creditícias compensatórias (pelo uso de reservas internacionais, da expansão dos bancos públicos e da queda de juros), ainda que defende a intervenção do governo para atenuar os impactos da crise na economia. "Quanto maior controle se exercer sobre o gasto corrente do governo, maior poderá ser a expansão creditícia compensatória sem afetar negativamente as contas externas".

Como podemos constatar, os ex-ministros de FHC e apoiadores do PSDB defendem, em uníssono, o corte de gastos. Para eles, o país deve crescer menos, não deve expandir o crédito, tem de evitar o risco de um déficit na balança de pagamentos.

Ou seja, as propostas dos economistas tucanos para enfrentar a crise vão na contramão das medidas que estão sendo colocadas em prática pelo governo Lula, com amplo apoio da sociedade. O entendimento é que devemos expandir o crédito, garantir a liquidez, reduzir impostos, aumentar os investimentos para que os setores que não dependem de importações mantenham o crescimento (como habitação, construção civil, infra-estrutura).

O país pode e deve, como fez o governo com a redução de impostos, incentivar o consumo e estimular os investimentos, seja garantindo ao BNDES R\$ 110 bilhões para empréstimos em 2009, seja aumentando os investimentos públicos em 0,5% do PIB, principalmente para construção civil e saneamento, e sustentando os investimentos do PAC e de suas estatais. Outra medida importante é a garantia de US\$ 10 bilhões das

reservas do país, para que os bancos possam renegociar os empréstimos externos que empresas brasileiras tomaram, desafogando assim o sistema bancário nacional para emprestar para a pequena e média empresa, evitando a falta de capital de giro e liquidez que pode levar à quebra de cadeias produtivas e ao desemprego. O verdadeiro problema do país não é o risco da inflação ou do desequilíbrio agudo das contas externas, mas a falta de crédito e de capital de giro, que pode destruir centenas de milhares de pequenas e médias empresas e milhões de empregos.

Como vemos, os tucanos continuam na contramão da história, apegados a seus dogmas e interesses financeiro-rentistas. Exatamente quando a China e os Estados Unidos fazem de tudo para evitar a recessão e o risco da depressão, aqui eles propõem crescer menos e cortar gastos, na mesma linha do BC e do Copom, não importando o risco para o país.